



NA PRAÇA DO COMÉRCIO, UM GRUPO QUE NADA FAZ. DEITADO, UM HOMEM COM UMA PERNA DE PAU



UMA CORRIDA EM JULHO, EM LISBOA. COM O GRANDE

POVO
REPÚBLICA

Como se vivia



NUM BEBEDOURO DA PRAÇA DO COMÉRCIO, EM LISBOA. QUEM RECORRE AOS AGUADEIROS TEM DE PAGAR A ÁGUA



NA PRAIA DO TAMARIZ, NO ESTORIL, QUANDO AS



ENTUSIASTA TIO DO REI, D. AFONSO, DE CHAPÉU DE COCO



VARINAS À PORTA DO MERCADO DA RIBEIRA, NA 24 DE JULHO, EM LISBOA

há um século

No ano da República, sucedem-se as “festas elegantes”, o povo sobrevive mas também se diverte, os políticos guerreiam-se e, tirando a ameaça do cometa Halley, nada se prevê de extraordinário... TEXTO DE ANABELA NATÁRIO



PESSOAS DESCOBREM O PRAZER DOS BANHOS DE MAR



A EQUIPA DO SPORT LISBOA E BENFICA EM JANEIRO DE 1910



Com a solenidade habitual, as cortes abriram dia 2 de janeiro, um domingo, presididas por D. Manuel II, mas no dia seguinte as sessões parlamentares foram interrompidas. Na Câmara dos Senhores Deputados, dos 150 membros apenas 18 ouviram ler o decreto no qual “Sua Majestade El-Rei houve por bem adiar as Cortes Gerais Ordinárias da Nação Portuguesa até o dia 2, inclusivamente, do próximo mês de Março”. Na dos Dignos Pares do Reino, a assistência também é mínima, declarando o presidente da mesa que “não podia a Câmara funcionar por falta de número legal”. O ano começava sem novidades.

No dia 3 de março, o sistema bicameral, a vigorar desde a Carta Constitucional de 1826,

começa a funcionar com a tranquilidade costumeira. Os pares do reino, aristocratas com lugares vitalícios, ouvem ler as cartas régias nomeando presidente o conde de Bertandos, Gonçalo Pereira da Silva de Sousa e Menezes, e vice-presidente Eduardo de Serpa Pimentel, o último administrador-geral da Fazenda da Casa Real, terminando a sessão com a eleição dos dois secretários da mesa.

Os deputados, nobres e plebeus eleitos, alguns deles republicanos, trabalham um pouco mais para proceder à eleição da lista quintupla: levam uma hora e vinte minutos nos três escrutínios destinados ao apuramento de cinco nomes para que o rei escolha dois. D. Manuel aceitará os mais votados e nomeará presidente o conde de Penha Garcia, José Capelo Franco Frazão, e vice-presidente o almirante Ernesto de Vasconcellos. Serão os últimos da



ESTA IMAGEM E AS DO PLANO ANTERIOR SÃO UMA CORTESIA DA COMISSÃO NACIONAL DAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DA REPÚBLICA

CAIS DO SODRÉ VENDA AMBULANTE DE FIGOS EM LISBOA. UMA CENA DO QUOTIDIANO FOTOGRAFADA POR JOSHUA BENOLIEL, CONSIDERADO O "PAI DO FOTOFORNALISMO PORTUGUÊS"

cujo bom gosto na programação de festas é sobejamente conhecido, convidou cerca de quinhentas pessoas, que não se fizeram rogadas e subiram, entre plantas, jarrões da China e vinte criados de casaca preta, calção, meia de seda e pó de arroz, a escadaria que se abre em dois lanços no primeiro patamar, com altas janelas, ostentando ao fundo um guarda-vento envidraçado, por de trás do qual se escondem, de um lado, cinco salas e o salão de baile, onde está montado um "elegante teatrinho engalanado em sedas de cores esbatidas" que, após as atuações, será desmontado em apenas dez minutos.

Ementas só em francês. Antes da dança e do teatro — foram representadas duas comédias de autores portugueses, rompendo assim com as habituais peças em francês que faziam a primeira parte das festas particulares —, os convivas dirigiram-se, para o lado oposto ao baile, à casa de jantar, toda forrada a nogueira com relevos artísticos e onde se encontrava uma rica ceia que não se esgotaria até ao final da festa, que acabará tardíssimo, sem causar qualquer problema, já que a maioria não trabalha. O cronista social não fala no conteúdo dos pratos, se o tivesse feito enumeraria, pela certa, uma série de iguarias com nomes franceses, como era de bom-tom na época.

Tome-se por exemplo o banquete no Palácio de Belém, nos primeiros dias de outubro, por ocasião da visita do Presidente da República do Brasil, Hermes da Fonseca, a Lisboa, e para o qual só são convidados homens: são servidos e de entrada *consommé double royal* e *crème brésilienne*, seguem-se *sau-mon de l'Adour à l'écosaise*, *Escalopes de ris de veau de Francillon*, *cuisseots de chevreuil moscovite*, *purée de marrons*, *suprêmes de poularde Amélie*, *marquise au Porto*, *faisans de bohème sur canapé*, *couers de romaine* e *asperges d'Argenteuil-sauce Aurore*; para sobremesa apresentam *corbeilles de fruits*, *gateaux São Paulo* e *panther de friandises*; e tudo regado a Hochheimer de 1900, Médoc e Beaune de 1899, Porto de 1815, champanhe Pommery et Greno extra seco e *Vieille fine Champagne Gauthier*.

Ementas em francês são privilégio das casas nobres e dos burgueses da classe média alta, porque nas dos restantes, a maioria evidentemente, a comida é bem portuguesa. No almoço, tomado pela manhã, e no jantar, que comem à hora do nosso almoço de hoje, entram café, açúcar, feijão, toucinho, chouriço e legumes. A ceia (mais ou menos à nossa hora de jantar) podia ser mais recheada e constar de bacalhau e batatas ou de peixe

monarquia constitucional que, depois de várias tentativas, será derrubada em outubro.

Antes das cinco da tarde, os políticos monárquicos e republicanos estão todos despachados. É que uma boa parte, de uma e de outra câmara, tem alguma pressa para se ir arranjar e chegar a tempo e horas à festa mais badalada do ano. Maria Rita Telles de Vasconcelos Pignatelli da Gama Lima, filha de conselheiro e antigo presidente da Câmara dos Dignos Pares do Reino, casada com o senhor Samuel Roocke de Lima, de ascendência inglesa, vai abrir as portas do seu palacete do Príncipe Real para apresentar as suas duas meninas mais velhas à sociedade... Pobre de quem não recebeu convite.

Madame Telles de Vasconcellos Lima, de família aristocrata, parente dos Taroucas e dos Penalvas, entre outros nobres do reino,

Ilustração Portuguesa



A MAIS MODERNA REVISTA DA ÉPOCA MOSTRA NA CAPA DE MARÇO DE 1910 UM PASSO DE MINUETE NA FESTA DO ANO DOS TELLES DE VASCONCELOS



INFANTA D. EULÁLIA DE ESPANHA FEZ CAPA QUANDO VISITOU LISBOA



A REVISTA CHAMOU A ESTA CAPA DE SETEMBRO DE 1910 "MARÉ DE ROSAS"



O MERGULHO DE ESCAFANDRO FOI UMA NOVIDADE DO SÉCULO



TEÓFILO BRAGA, O PRIMEIRO LÍDER DE UM GOVERNO REPUBLICANO, NA PRIMEIRA EDIÇÃO DEPOIS DA REVOLUÇÃO



UM MARINHEIRO REVOLUCIONÁRIO NAS RUAS DE LISBOA, NA EDIÇÃO DE 17 DE OUTUBRO

O povo enchia os teatros populares e o Coliseu dos Recreios para ouvir ópera

À época, mais de 77% das mulheres eram analfabetas

temperado. O pão constitui um grande reforço das refeições, é comprado a 80 réis o quilo, um pouco mais de 10% do vencimento de um operário.

Mas voltemos à festa no palacete do Príncipe Real. Se alguém faltou não se deu por isso. O meio milhar de convidados espalha-se pelas salas e corredores. Muitos aglomeram-se no salão quando os vinte pares mais jovens abrem o baile: elas aparecem vestidas à Luís XVI e eles de casaca de cor, calção e meia de seda, o último grito nos bailes da alta sociedade. Nesse momento, ouvem-se bichanar alguns reparos às vestimentas, uns criticam a discrepância dos trajos, outros elogiam a ideia graciosa de combinar o passado e o presente. As opiniões divergem em todos os tempos...

“As cores alacres das *toilettes* das senhoras quebravam a monotonia das casacas pretas; rutilavam joias esplêndidas, coroando formosíssimas cabeças; flores numa profusão enorme, predominando os lilases, as rosas, as violetas e as camélias, feneciam sob a carícia das luzes, enchendo a atmosfera de perfumes; e no pequenino espaço aberto entre aquela multidão elegante, ao compasso do minuete de Mozart, as vinte figuras esplendentes de mocidade, luzindo *toilettes* magníficas e joias de alto valor, deslizavam serenamente, esboçando medidas de corte ou tomando atitudes que em certos pares davam supremo realce à natural elegância.”

Entre a festa e a desgraça. As descrições são do cronista da “Ilustração Portuguesa” Luiz Trigueiros, que escreve a coluna “Vida Elegante” e, no quarto mês do ano, já se queixa de que as festas se sucedem, que “não há caminho a medir para alcançar a tempo quantas por aí se realizam; e o cronista, para bem cumprir a sua missão, precisava viver, permanentemente, em automóvel, ladeado de secretários, a quem fosse ditando as suas impressões”.

A festa terminará às seis da manhã, com um enorme *cutillon*, a dança em quadrado importada de França — país que inspirava monárquicos e republicanos —, em que tomaram parte cerca de 90 pares, desde as duas horas e meia da madrugada, “sem por um momento sequer esmorecer a intensidade da animação”. Nesse dia, claro, não se realizaram sessões parlamentares. Mas não se pense que os deputados nunca punham os pés nas cortes. Até ao seu encerramento, as câmaras vão andar agitadas com os debates sobre os escândalos Hinton e Crédito Predial Português. O primeiro envolve a empresa W. Hinton & Sons, detentora do monopólio de transformação do açúcar em álcool, na Madeira, que recebeu

uma indemnização de quase 700 mil libras num *negócio* pouco limpo. No segundo, surgem nomes da política e das finanças num desvio de fundos de mais de meio milhão de libras que leva o banco à falência e deixa mais de mil pessoas na miséria.

Nestes casos e noutros que vão surgindo, criando um clima propício à implantação do ideal republicano, em que o povo acredita que irá acabar com a malandragem, encontra-se gente da chamada ‘sociedade elegante’ que, em Lisboa, à semelhança do que se passava no estrangeiro, rodopia entre receções, *soirées*, concertos e festas. Diz Trigueiros que, nos últimos dois anos, a vida na capital evoluiu “de forma notável, obrigando por igual as crónicas mundanas a um largo registo. Já não basta o noticiário vulgar dos diários de informação, de tal modo os factos cresceram em importância. A vida elegante da capital merece portanto outras atenções especiais, visto que deixou de ser privilégio de raros, evidenciando uma generalização que, a prosseguir, será um motivo de atracção mais para a terra tão singularmente fadada de esplendentes dons da natureza”.

Esta é a vida dos ricos ou daqueles que conseguem fazer de conta que o são. Os pobres divertem-se nas festas e romarias das suas terras de província e... em fevereiro, num Domingo Gordo primaveril, o povo vem para a rua gritar, cantar e dançar. Claro que para muitos os festejos do Carnaval não são a mesma coisa de anos atrás, já nem nos muitos bailes se veem máscaras de jeito e, pior, ressentia-se a economia nacional. Mas as gentes das cidades gostavam do Entrudo, e o curso lisboeta, formado por carros de famílias e lojas, enfeitados de flores de papel e de raparigas sorridentes vestidas conforme o tema escolhido, levou à Avenida da Liberdade milhares de pessoas, por momentos esquecidas das condições de vida e da grande ameaça que pairava sobre as suas cabeças: a passagem do cometa Halley, prevista para maio, que muitos acreditavam ir provocar a destruição do planeta.

Mas o povo também gostava de outro tipo de espetáculos. Se não conseguia ir aos concertos nos teatros D. Amélia e D. Maria ou às óperas do S. Carlos, enchia os teatros populares e o Coliseu dos Recreios, onde os bilhetes tinham preços módicos, para ouvir a companhia lírica que neste ano se estreara com a ópera “Aida”, a que se seguira “Bohème”, “Hernanni”, “Tosca”, “Carmen”, “Baile de Máscaras”, “Os Palhaços”, “Cavalaria Rusticana”, “A Africana”, “Gioconda”, “Otelo”, “Lohengrin”... E tirando a classe média alta que penava por um convite para festas em palácios e palacetes, o povo tem mais com que se ralar. Aliás, nem é só o povo. Vive-se um



VEJA
A FOTOGALERIA
www.expresso.pt/
life&style



Pares do minuet: Da direita para a esquerda, a sr.^a D. Emilia Brederode Smith, José Pedro Feio Folque, D. Bertha Falcão, João Trigueiros, Julio Vasconcellos Alves, D. Sophia Telles de Vasconcellos Lima, José Rino Froes, D. Emilia Geraides Caldeira, Antonio de Vasconcellos, D. Elina Silveira e Oliveira.



Vestido de passeio, criação da casa Peer (Cláudia Felício)



Moda Chapéus e espartilhos

“Espreite-se o momento em que chega de Paris ou Londres um colarinho de novidade para o Pitta, ou um chapéu de senhora *derniercri* para o salão Mimoso, e não tardará que se veja a Rua do Ouro pejada de janotas com colarinhos iguais à amostra, cruzando-se com as madamas e as meninas que têm de andar a afastar-se umas das outras num interessante afasta-meninas-afasta, para poderem deixar passar as abas e as copas dos chapéus, todos feitos pelo mesmo estapafúrdio modelo.” Por esta amostra irónica extraída de um texto da revista “Ocidente”, pode ver-se que, em Lisboa, tanto homens como mulheres não des-cuidavam a moda, natural, portanto, que elas querendo enfiar-se nos vestidos de seda cor de cereja, de cintura fina e até aos pés, aceitassem continuar a espartilhar o corpo. Mas nesta altura têm mais sorte, acaba de sair o espartilho americano, mais alongado, com as rendas quase até aos joelhos e um estofa elástico que já não prende os movimentos e “dá à mulher —, refere a ‘Ilustração Portuguesa’ — a forma convencional da moda, que nenhuma senhora, por mais elegante que seja, deixará de querer apresentar”.



República Factos & números

▪ Na foto acima, o novo governador civil, Eusébio Leão, proclama a República, da varanda do edifício do município de Lisboa. Apesar de durante anos se sustentar (ainda hoje aparece essa ideia em alguns livros) que foi José Relvas quem o fez, na verdade foi o médico carbonário, que escondia bombas no vão da escada do seu consultório no Chiado, quem gritou, pela primeira vez, a proclamação da República. Ao seu grito, sucedeu-lhe Inocêncio Camacho, também da Carbonária e do diretório do Partido Republicano, que leu, sendo várias vezes interrompido, os nomes do governo provisório: Teófilo Braga, presidente do Executivo, sem pasta, António José de Almeida, ministro do Interior, Afonso Costa, ministro da Justiça, Basílio Teles, ministro das Finanças, António Luiz Gomes, Obras Públicas, Bernardino Machado, Estrangeiros, coronel Correia Barreto, ministro da Guerra, Azevedo Gomes, ministro da Marinha. A seguir, aparece José Relvas a pedir calma aos inúmeros manifestantes que se apinhavam na Praça do Município.

▪ Segundo o censo de dezembro feito em 1911, e não em 1910 conforme previsto, devido à revolução de 5 de outubro, Portugal tem 5.960.056 habitantes, sendo que 4.973.520 vivem nos campos. Em Lisboa, concentram-se 435.359 pessoas, no Porto vivem 194 mil e nas outras cidades 357.168, representando a população urbana apenas 17 por cento da população.

▪ 5552 é o número de escolas primárias existentes em 1909. Dois anos depois sobre para 6412. Os liceus são 32 em 1910, têm 8691 alunos e 510 professores.

ano em que se descobriu que “o desporto é tudo — como se lê na revista “Ocidente” — e as senhoras, em vez de exibirem a sua beleza e os seus lindos e ricos vestidos de baile no redemoinho das valsas, exibem a sua plástica um tanto desnudada, nadando nas praias ou remando em canoas, como quaisquer catraeiros, de camisolas sem mangas, mostrando os braços nus aos beijos do sol que os vai tostando”.

Com exceção da possibilidade de o mundo acabar, não se adivinhavam, portanto, grandes mudanças neste ano. Por desgraça ou alegria, todos parecem querer apenas divertir-se. Logo em janeiro, contam-se em cena, em diversas salas de espetáculos lisboetas mais populares, quatro ou cinco “revistas do ano”, género de teatro que se pretendia o mais alegre possível. Também na capital, publicam-se uns dez jornais humorísticos ou pretendentes a sê-lo, “uns recheados de caricaturas, outros sem elas, mas todos armados à pilha de graça, e cada qual com pretensões a ser o mais engraçado de todos”, como escreve o jornalista Alfredo Mesquita na sua crónica da “Ocidente”, sob o pseudónimo João Prudêncio.

A moda das conferências. O problema é que a sociedade portuguesa segue um caminho de abandono, segundo Mesquita, na altura com 39 anos e que após a proclamação da República seguirá a carreira diplomática. “O que agora se quer é o dito equívoco, a piada grossa, a chalaça bem desembaraçada de mantos diáfanos de decoro. Quanto mais desbragada, melhor. Noutro tempo, não. A grosseria era privilégio de Alfama e não saía de lá. O género de piada em moda era a chamada piada de luva branca, que ficava bem na boca de toda a gente e não corria nunca o risco de melindrar os ouvidos fosse de quem fosse”.

Muda o modo de fazer rir, surge a moda das conferências pretensamente intelectuais, importada do Brasil nos últimos meses do ano anterior, dando até a ideia de que há donos de bilheteiras desejosos de cultivar um país de quase seis milhões de habitantes, onde 69,7% dos maiores de sete anos não sabem ler nem escrever, sendo nas mulheres — subalternas em tudo, até enquanto trabalhadoras ganham metade do salário dos homens — o número gritante: 77,4%. “À primeira vista parece de facto, num país de analfabetos, esse seria um meio de instrução de primeira ordem. Não obrigava à leitura e, por isso mesmo que se pagava, obtinha uma maior atenção da parte do auditório. (...) A primeira precaução a tomar foi a de que as conferências não poderiam ir além de uns tantos minutos, isto é, o tempo suficiente para que o especta-

dor não fique a fazer grande ideia do que ouviu e não se aborreça com o conferente”, escreve, no periódico libertário “A Gafanha”, Campos Lima, ele próprio um hábil orador.

São muitas as críticas que surgem nos jornais sobre esta febre que leva os empresários dos teatros a convidar os mais diversos nomes para palestrar “sobre tudo, a respeito de tudo, a propósito de tudo”, desde o lenço ao namoro que ainda se faz com a moça à janela e o rapaz na rua. As salas enchiam-se, transmitindo a imagem de uma classe média sedenta de conhecimento. No final, entre ruidosas palmas, ouviam-se gritos de bravo, mas, como conta Alfredo Mesquita, “à boca pequena, para a esposa ou para o amigo íntimo”, diziam: “Que maçada! Que maçada!” E regressavam às suas casas, muitas delas acanhadas e sem condições de higiene, em especial a de gente com menos recursos para o pagamento de rendas e do imposto que sobre estas era obrigada a pagar duas vezes por ano. Apesar de tudo, vivia melhor do que nos casebres da população rural, que representa 83% do total de habitantes do país.

“Temos chegado a esta situação: o analfabetismo alastra-se por todo o país, fecham-se escolas, descarta-se inteiramente a educação da classe média”, escreve o disfarçado Prudêncio, lembrando que se decretara “uma lei de descanso semanal para as classes trabalhadoras, mas não se lhes deu escolas onde, ao menos uma vez por semana, pudessem instruir-se um pouco. Há no papel um regulamento de trabalho de menores, mas ninguém tampouco se importa com o desafogar a vida, do operário para que ele mande os filhos à escola, assegurando-o contra a miséria, pelos menos nos dias de crise de trabalho e nos últimos de velhice. Isso sim! Pelo contrário, ainda se vive em grande parte da espoliação do trabalhador...”

A classe média era mais instruída do que o chamado povo miúdo dos operários ou dos camponeses, preocupados em trabalhar 10 a 12 horas por dia para ganhar uma miséria, e já formava um grupo de mais de 800 mil pessoas (uma terça parte a viver em Lisboa e no Porto), sendo, por isso, mais temida pelo grupo social afortunado — e com alguma razão, já que serão os pequeno-burgueses a impulsionar a revolução. O país era governado em oligarquia, segundo o historiador A.H. Oliveira Marques, por burgueses ricos, banqueiros e capitalistas, aliados à antiga nobreza, “estritamente ligados aos capitais estrangeiros e à exploração das colónias, que via na monarquia o símbolo da ordem e da conservação dos seus privilégios e lucros”. E dormiram descansados até ao dia 4 de Outubro. ■

anatario@expresso.imprensa.pt